



OBSERVATÓRIO DA CIDADE RESILIENTE



CAMPANHA
CONSTRUINDO CIDADES RESILIENTES



MINHA CIDADE ESTÁ SE PREPARANDO!

Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes”, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 12/06/2020



OMS preocupada com fardo da Covid-19 sobre mulheres, crianças e adolescentes

A Organização Mundial da Saúde, OMS, manifestou preocupação com a situação de mulheres, crianças e adolescentes lidando com as pesadas consequências de saúde e socioeconômicas da Covid-19.

Numa entrevista a jornalistas, em Genebra, o diretor-geral da OMS, Tedros Ghebreyesus, alertou sobre o risco de muitas mulheres morrerem de parto em meio à pandemia.

Complicações

Tedros contou que a Covid-19 sobrecarregou os sistemas de saúde, em muitos lugares, aumentando os riscos de complicações na gravidez e no parto para mães e bebês.

Ele citou os casos de reabertura parcial das economias ao falar do retorno às atividades na Suíça, sede da agência. Mas lembrou que apesar da queda de novas contaminações na Europa, a pandemia segue acelerando em países de rendas baixa e média, em outras partes do mundo.

Para ele, os efeitos indiretos do vírus sobre mulheres, crianças e adolescentes superam o número de mortes pela doença. Até a tarde de sexta-feira, a Covid-19 havia causado mais de 418,2 mil pessoas e infectado mais de 7,4 milhões de pessoas.

Homens

Uma outra preocupação é o crescente aumento de casos de violência doméstica. Uma das participantes, a chefe do Fundo das Nações Unidas para a População, Natalia Kanem, falou sobre o papel dos homens.

Kanem afirmou que os homens desempenham um papel central para acabar com a violência de gênero de uma vez por todas. Com as restrições de movimento e medidas de isolamento social, muitas mulheres estão trancadas dentro de casa com seus agressores.

A OMS citou ainda os riscos de saúde mental para adolescentes e jovens durante a Covid-19. Nesta faixa etária, eles estão mais propensos à depressão, ansiedade, assédio moral pela internet, e violência física e sexual. As adolescentes também correm risco de gravidezes indesejadas e impedimentos no acesso aos serviços de saúde.

Saúde mental

O fechamento de escolas e universidades complicou a situação, uma vez que, em muitos países, mais de um terço dos adolescentes com problemas de saúde mental recebem assistência na escola.

Com suas atividades limitadas, muitos adolescentes estão fazendo uso de tabaco e álcool. A insegurança alimentar é outro fardo da Covid-19 para milhões de crianças no mundo que têm na escola sua única fonte de refeição.

Amamentação

O diretor-geral da OMS respondeu ainda a perguntas sobre os riscos de amamentação durante a pandemia informando que os estudos provam que os benefícios do leite materno superam potenciais riscos de transmissão, que segundo a agência são baixos.

Num guia, a OMS recomenda que as mães utilizem a máscara durante a amamentação caso tenham a doença. A separação do bebê só deve ocorrer se a mãe se sentir muito mal. Para Tedros é responsabilidade de todos de assegurar os serviços de saúde para quem precisa deles. Participaram do encontro com os jornalistas, a presidente da União Inter-Parlamentar, Gabriela Cuevas, a enviada especial do secretário-geral da ONU, para a Juventude, Jayathma Wickramanayake, a diretora-executiva da organização Merck for Mothers, Mary-Ann Etiebet.

FONTE: https://news.un.org/pt/story/2020/06/1716742?utm_source=ONU+News+-+Newsletter&utm_campaign=75269a93c6-EMAIL_CAMPAIGN_2020_06_13_12_00&utm_medium=email&utm_term=0_98793f891c-75269a93c6-105027597



UNICEF: trabalho infantil na pandemia pode impedir retorno de crianças à escola

A pandemia de COVID-19 traz, como efeito secundário, o risco de aumento do trabalho infantil no Brasil. Com as escolas fechadas para prevenir a transmissão do vírus e a pobreza se acentuando, o trabalho pode parecer, equivocadamente, uma forma de meninas e meninos ajudarem suas famílias.

Mas ele impacta o desenvolvimento físico e emocional das crianças e pode impedir a continuidade da educação, reproduzindo ciclos de pobreza nas famílias – além de ser porta de entrada para uma série de outras violações de direitos, como a violência sexual.

O trabalho infantil é uma forma de violência. Ele atinge crianças e adolescentes em todo o país e, particularmente, meninas e meninos negros.

Uma das formas de impedir o trabalho infantil é oferecer opções de aprendizagem e trabalho protegido, dentro da lei, aos adolescentes.

Por isso, neste Dia Mundial de Combate ao Trabalho Infantil, o UNICEF faz um apelo às empresas públicas e privadas para que reforcem seu compromisso com a implementação da Lei da Aprendizagem.

“Neste momento de crise, é ainda mais necessário promover esforços para garantir que meninas e meninos vulneráveis retornem à escola após a pandemia. No caso dos adolescentes, para que isso seja possível, é essencial que eles consigam unir aprendizagem e trabalho protegido, via lei do Aprendiz”, defende Rosana Vega, Chefe de Proteção à Criança do UNICEF no Brasil.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2016, 2,4 milhões de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos estavam em situação de trabalho infantil no Brasil. Destes, 1,7 milhão exerciam também afazeres domésticos de forma concomitante ao trabalho ou estudo.

O problema afeta, em especial, meninas e meninos negros. Do total em trabalho infantil no Brasil em 2016, 64,1% eram negros. Na região Norte, este percentual era ainda maior, 86,2%, seguido da região Nordeste, com 79,5%, e do Centro-Oeste, com 71,5%. No Sudeste e no Sul eram 58,4% e 27,9%, respectivamente.

A Constituição Federal proíbe o trabalho de menores de 16 anos no Brasil, exceto na condição de aprendiz, a partir dos 14 anos. A Lei da Aprendizagem (10.097/2000) determina que toda empresa de médio ou grande porte tenha de 5% a 15% de aprendizes, entre 14 e 24 anos, considerando as funções que exijam formação profissional. Dessa forma, a lei permite que meninas e meninos que cursam a escola regular no Ensino Médio tenham oportunidades de formação técnico-profissional.

No entanto, em 2018, só havia 435.956 jovens registrados como aprendizes no país. Ao mesmo tempo, mais de 1,7 milhão de crianças e adolescentes de 4 a 17 anos estava fora da escola, incluindo 1,15 milhão de adolescentes entre 15 e 17 anos.

O acesso à educação, combinado com uma formação técnico-profissional e uma opção de renda, mostra-se ainda mais importante em um período de pós-pandemia, para que adolescentes possam permanecer na escola.

Segundo o UNICEF, é essencial buscar ativamente crianças e adolescentes que não voltaram à escola quando as aulas forem retomadas. Nesse contexto, a organização vem trabalhando com mais de 3 mil municípios brasileiros no desenvolvimento e

implementação de metodologias para identificar e matricular meninas e meninos que estavam fora da escola. Saiba mais em buscaativaescolar.org.br.

Por fim, o UNICEF afirma ser necessário ter um monitoramento claro da situação do trabalho infantil no país, com dados consistentes que possam embasar políticas públicas. “É essencial entender os impactos da pandemia na vida de crianças e adolescentes mais vulneráveis e levantar dados atualizados sobre trabalho infantil no Brasil para que possamos compreender a real dimensão do problema e pensar em soluções de forma integrada”, defende Rosana.

UNICEF e OIT alertam sobre trabalho infantil no mundo

Assim como no Brasil, o risco de aumento do trabalho infantil tem gerado alertas em outros países. De acordo com o relatório “COVID-19 and Child Labour: A Time Of Crisis, A Time to Act”, lançado nesta sexta-feira (12) por UNICEF e Organização Internacional do Trabalho (OIT), o número de crianças em situação de trabalho infantil diminuiu em 94 milhões no mundo desde 2000.

Essa melhoria, agora, pode estar ameaçada. Além disso, crianças que já trabalham podem ter que trabalhar mais ou em piores condições. Segundo os últimos dados da OIT, 152 milhões de crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos estavam em situação de trabalho infantil em 2016.

“À medida que a pobreza aumenta, as escolas fecham e a disponibilidade de serviços sociais diminui, mais crianças são obrigadas a trabalhar. Quando imaginamos o mundo após COVID-19, devemos garantir que as crianças e suas famílias tenham as ferramentas necessárias para enfrentar tempestades semelhantes no futuro. Educação de qualidade, serviços de proteção social e melhores oportunidades econômicas podem mudar as coisas”, afirma Henrietta Fore, diretora-executiva do UNICEF.

O relatório propõe um conjunto de medidas destinadas a mitigar o risco de aumento do trabalho infantil, incluindo a expansão da proteção social, facilitação de crédito para famílias em situação de pobreza, promoção de trabalho decente para adultos, garantia do retorno de crianças e adolescentes à escola sem custos e ampliação da fiscalização da aplicação de leis voltadas ao enfrentamento do trabalho infantil em cada país.

FONTE: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/unicef-alerta-para-o-risco-de-aumento-do-trabalho-infantil-durante-e-apos>



Crise pode lançar até 326 mil crianças ao trabalho infantil na América Latina e Caribe

O impacto devastador da COVID-19, que acarreta redução de renda e altos níveis de insegurança econômica, pode provocar [aumento significativo](#) no número de crianças e adolescentes em trabalho infantil nos países latino-americanos e caribenhos.

O alerta foi feito na quinta-feira (11) [por análise da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe \(CEPAL\) e da Organização Internacional do Trabalho \(OIT\)](#), que consideram imperativo adotar medidas para evitar esse cenário.

“A desaceleração da produção, o desemprego, a baixa cobertura da proteção social, a falta de acesso à seguridade social e os níveis mais altos de pobreza são condições que favorecem o aumento do trabalho infantil”, destaca a nota técnica conjunta das organizações, publicada para a ocasião do Dia Mundial contra o Trabalho Infantil, 12 de junho.

“Os indicadores de trabalho infantil e trabalho adolescente perigoso podem aumentar significativamente caso medidas e estratégias não sejam implementadas para reduzir o impacto”, acrescenta o documento.

A análise que inicialmente abrangeu três países (Costa Rica, México e Peru), com base nos resultados do Modelo de Identificação de Riscos para o Trabalho Infantil (MIRTI) desenvolvido pela CEPAL e pela OIT, permite estimar que o trabalho infantil possa aumentar entre 1 e 3 pontos percentuais na região.

Segundo a análise, isso implicaria que de 109 mil a 326 mil meninos, meninas e adolescentes poderiam entrar no mercado de trabalho, somando-se aos 10,5 milhões atualmente em situação de trabalho infantil.

O documento lembra que o percentual de meninos, meninas e adolescentes entre 5 e 17 anos em situação de trabalho infantil na América Latina e no Caribe caiu de 10,8%, em 2008, para 7,3%, em 2016, o que equivale a uma diminuição de 3,7 milhões de pessoas nessa situação, até o indicador atual de 10,5 milhões.

A nota técnica diz que o aumento do desemprego e da pobreza afetará severamente o bem-estar das famílias, particularmente aquelas em condições de extrema pobreza que costumam viver em moradias inadequadas.

Um dos principais fatores de insegurança e instabilidade econômica nos lares da região é a prevalência do trabalho informal, em que a proteção social é mínima e os contratos são inexistentes. Assim, muitas famílias precisam recorrer ao trabalho infantil para lidar com a insegurança econômica, afirma o documento.

A nota técnica alerta ainda que o fechamento temporário das escolas é outro fator com potencial para aumentar o trabalho infantil.

“Agora, mais do que nunca, meninos, meninas e adolescentes devem estar no centro das prioridades de ação que, em seu conjunto e por meio do diálogo social tripartite,

oferecem respostas para consolidar os avanços na redução do trabalho infantil, particularmente em suas piores formas”, destaca a análise.

A nota ressalta que, em um momento de redução do espaço fiscal nos países, a abordagem da prevenção continua sendo a mais eficiente em termos de custo. Quando uma criança está em situação de trabalho infantil, é muito mais complexo e custoso retirá-la da atividade ou intervir para restaurar seus direitos.

A nota técnica propõe ações para:

- A prevenção eficaz;
- A identificação e localização de crianças e adolescentes que trabalham;
- A restituição dos direitos de crianças e adolescentes que trabalham e de suas famílias.

A análise também propõe o estabelecimento de políticas de transferência de renda, de acordo com a proposta da CEPAL de implementar uma renda básica de emergência por seis meses para todas as pessoas em situação de pobreza em 2020, incluindo crianças e adolescentes.

Os dados dos países indicam que, em grande parte da América Latina e do Caribe, os casos de COVID-19 continuam a aumentar e, portanto, seguem vigentes as medidas de contenção da pandemia recomendadas pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS), tais como lavagem das mãos, etiqueta respiratória, distanciamento social, evitar o contato interpessoal e permanecer em casa.

OIT e CEPAL, em conjunto com outras organizações, colaboram com a [Iniciativa Regional América Latina e o Caribe Livre do Trabalho Infantil](#), a fim de produzir conhecimento para informar e fornecer evidências que contribuam para a tomada de decisões políticas destinadas à prevenção e à erradicação sustentadas do trabalho infantil na região.

FONTE: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/documents/publication/wcms_747653.pdf



United Nations

Secretary-General's Roadmap
for Digital Cooperation

ONU apresenta roteiro para ampliar cooperação digital na era pós-Covid-19

O secretário-geral da ONU lançou, nesta quinta-feira, o Roteiro para Cooperação Digital. O objetivo é garantir que todas as pessoas estejam conectadas e respeitadas no espaço virtual. O documento é resultado de um esforço global sobre temas como internet, inteligência artificial e outras tecnologias digitais.

António Guterres disse que “para aproveitar plenamente os benefícios e conter possíveis danos, é preciso garantir que a era digital seja definida pelo aumento da cooperação internacional.”

Momento crítico

Segundo ele, o roteiro chega num momento crítico em que a pandemia de Covid-19 acelera a digitalização, mas ampliando oportunidades e desafios.

Guterres citou a pesquisa coletiva de vacinas, trabalho e educação a distância, comércio eletrônico e outros fatores dessa nova realidade. Mas ressaltou que existem também divisões digitais porque muitos não têm acesso à internet.

A União Internacional de Telecomunicações, UIT, afirma que quase metade da população global, 46,4%, ainda não está online.

O chefe da ONU também cita preocupações como ataques cibernéticos, desinformação, privacidade e segurança na rede mundial.

Políticas

O novo Roteiro para Cooperação Digital lembra que a internet muda num ritmo mais rápido que as políticas nacionais e internacionais para o setor. Por isso, o documento recomenda ações concretas.

O secretário-geral pede “a todos os Estados-membros e parceiros da indústria e da sociedade civil que expandam a colaboração em tecnologia digital.”

Segundo Guterres, somente cooperando será possível “conectar todas as pessoas até 2030, respeitar os direitos humanos on-line e proteger os mais vulneráveis dos perigos da era digital.”

Painel de Alto Nível

O Roteiro baseia-se nas recomendações do Painel de Alto Nível sobre Cooperação Digital e contribuições de Estados-membros, setor privado, sociedade civil, comunidade técnica e outros grupos.

Segundo a ONU, o grupo, presidido pelos empresários Melinda Gates e Jack Ma, representou “uma combinação sem precedentes de disciplinas e setores, além de diversidade geográfica, gênero e idade.”

Após a entrega do relatório, em junho de 2019, houve uma série de consultas com interessados.

Assembleia Geral

Ainda nesta quinta-feira, a Assembleia Geral realiza um debate de alto-nível virtual sobre o impacto das rápidas transformações tecnológicas nos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. O encontro tem a participação do secretário-geral, António Guterres, e do presidente da Casa, Tijjani Muhammad-Bande.

Muhammad-Bande afirmou que “a responsabilidade da comunidade internacional é garantir que as rápidas mudanças tecnológicas, e os seus impactos econômicos, sociais e éticos são tidos em conta e com uma resposta apropriada.”

Da ONU, discursaram ainda o secretário-geral da Conferência da ONU sobre Comércio e Desenvolvimento, Unctad, Mukhisa Kituyi, o secretário-geral da UIT, Houlin Zhao, e o subsecretário-geral para Assuntos Econômicos e Sociais da ONU, Liu Zhenmin.

A diretora-executiva da Aliança para a Internet Acessível, Sonia Jorge, e a fundadora da ONG All for Good, Kriti Sharma, discursaram pela sociedade civil.

Oito passos para melhor cooperação :

- Atingir a conectividade universal até 2030, para que todos tenham acesso seguro e barato à internet;
- Promoção de bens públicos digitais para desbloquear um mundo mais equitativo.
- Garantir a inclusão digital para todos incluindo os grupos mais vulneráveis.
- Fortalecer a capacitação digital, aumentando o desenvolvimento e treinamento em todo o mundo.
- Garantir a proteção dos direitos humanos na era digital, tanto online quanto offline.
- Apoiar a cooperação global em inteligência artificial, com uma abordagem baseada em direitos humanos e que promova a paz.
- Fomentar a confiança e a segurança, criando um diálogo global para promover os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.
- Construir uma arquitetura mais eficaz para a cooperação digital, em que a governança seja uma prioridade e com base na postura das Nações Unidas.

FONTE: <https://undocs.org/es/A/74/821>



Pandemia causa incerteza no mercado global de alimentos, diz FAO

A crise global de saúde, causada pela Covid-19, ameaça o mercado global de alimentos. Esta é a conclusão do primeiro relatório sobre o setor divulgado pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, FAO.

No Relatório “Panorama Alimentar”, as previsões para os alimentos mais negociados do setor como cereais, carne, peixe, derivados de leite e outros podem sofrer redução no comércio durante o período 2020-2021.

Vigilante e pronta

O diretor da Divisão de Comércio e Mercados da FAO, Boubaker Ben-Belhassen, disse que os impactos da pandemia são vistos – de forma variada – em todo os setores da cadeia alimentar.

Para ele, esses são desafios enormes com incertezas contra as quais a comunidade internacional deve permanecer vigilante e pronta para agir. A agência da ONU indica que apesar da crise, a produção de cereais este ano deve ultrapassar a de 2019 em 2,6%.

Para o período 2020-2021, haverá 433 milhões de toneladas com um aumento de 2,2% em comparação ao período anterior.

Já a produção global de carne deve cair 1,7% este ano por causa de doenças animais, as interrupções do comércio causadas pela Covid-19 e os efeitos a longo prazo de secas em várias partes do mundo.

China

As importações da China devem puxar um crescimento moderado do mercado internacional de carnes. Os preços caíram 8,6% desde o início deste ano. A queda mais acentuada ocorreu com as carnes ovinas, seguidas de frango, porco e a da carne bovina por causa dos impactos das medidas para conter a pandemia. A falta de transporte e outros fatores encalharam muitas peças nos mercados.

Os mercados de frutos do mar continuarão sendo afetados pela Covid-19 especialmente os produtos frescos e espécies mais procuradas em restaurantes.

A pandemia levou equipes de pesca a suspender suas atividades e estoques assim como produtores do setor de aquicultura.

Salmão e camarão

A pandemia deve afetar, de forma severa a produção global de salmão e camarão com o atraso na reabertura do cultivo de camarões na Ásia, que só recomeçará este mês ou no próximo.

A expectativa de queda na Índia é de até 40%. A produção de salmão pode cair até 15%. No caso do açúcar, a expectativa de queda na produção, pelo segundo ano consecutivo, está abaixo dos níveis esperados de consumo global, pela primeira vez em três anos.

O preço do açúcar está caindo desde meados de 2017 para a grande maioria dos produtores no mundo. O leite, no entanto, tem mostrado resistência com um leve crescimento de 0,8% este ano. Mas os derivados do leite podem sofrer contração de 4% por causa da oscilação na demanda de importação.

Crise de 2008-2009

A situação de oferta e procura é delicada para as oleaginosas este ano com pouca margem de manobra. Um artigo no relatório da FAO compara a crise da Covid-19 com as crises financeiras e de alimentos entre 2007 e 2009.

Segundo o texto, considerando a crise do preço dos alimentos de 2007 a 2008, o mundo reage melhor agora e as estimativas de produção de comida são positivas porque os estoques se mantêm altos, os preços estão baixos e o comércio é maior entre países exportadores e importadores.

Além disso, os legisladores demonstram mais experiência para lidar com crises globais, pois estão mais informados e preparados.

Mesmo sem crise de fornecimento, a queda no crescimento econômico devido à pandemia levou a barreiras no acesso à comida porque muitas pessoas não podem comprar os alimentos especialmente em países que já sofriam com insegurança alimentar antes da Covid-19.

FONTE: https://news.un.org/pt/story/2020/06/1716572?utm_source=ONU+News+-+Newsletter&utm_campaign=09511ffe03-EMAIL_CAMPAIGN_2020_06_12_12_00&utm_medium=email&utm_term=0_98793f891c-09511ffe03-105027597



United Nations



COVID-19 Response

Governos devem liderar luta contra desinformação sobre Covid-19

Os governos de todo o mundo devem acelerar a luta contra uma maré de informações falsas, inflamatórias e enganosas sobre a pandemia de Covid-19, segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Pnud.

A agência está trabalhando com instituições, mídia e sociedade civil para ajudar a lutar contra a desinformação e apoiar iniciativas que divulgam informações corretas.

Guiné-Bissau

O Pnud dá o exemplo de atividades na Somália, no Líbano e na Guiné-Bissau. Nesse país de língua portuguesa, a agência ajudou o Ministério da Saúde no desenvolvimento de um site de verificação de fatos, www.nobaschecker.org.

Na página, os cidadãos podem encontrar informações confiáveis criando uma ampla comunidade de jornalistas, médicos e economistas que verificam dados sobre a pandemia no país e no mundo.

Mudança

Segundo o Pnud, os conselhos sobre a doença mudam rapidamente, e isso cria uma necessidade de informação atualizada. Nas redes sociais, fontes informais espalham medo, estigmatização, discriminação e confusão.

O Pnud cita um estudo, da Fundação Bruno Kessler, que analisou 112 milhões de postagens em redes sociais. Cerca de 40% eram não-confiáveis e quase 42% dos 178 milhões de tuítes relacionados à Covid-19 foram publicados por robôs, sistemas eletrônicos que não representam pessoas reais.

Responsabilidade

Em nota, o chefe da agência, Achim Steiner, disse que “o tsunami de curas enganosas, bodes expiatórios, teorias da conspiração e notícias falsas criou um ambiente de informação caótico.”

Segundo Steiner, isto “coloca em risco a eficácia das medidas de saúde pública, criando violência, discriminação, confusão, medo e, indiscutivelmente, danos sociais a longo prazo.”

O administrador afirma que os governos precisam aprender lições com as crises de HIV e ebola, rejeitar desinformação e estigma e apoiar ciência, direitos humanos e solidariedade. Para ele, “muitos atores têm a responsabilidade de combater a desinformação, mas progresso verdadeiro não será alcançado sem a liderança dos governos.”

Steiner dá ainda vários exemplos de como os governos podem atuar, destacando parcerias com grandes empresas de tecnologia, campanhas de alfabetização digital, esforços de verificação de fatos e cooperação com jornalistas.

FONTE: <https://www.youtube.com/watch?v=5HEAJ-WDEvo&feature=youtu.be>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>